

DONA MARTA

NO ABRIGO DE um confortável domicílio urbano, Dona Marta gozava uma vida que se poderia qualificar tranquila, não fosse ela um típico exemplar da asoberbada mulher contemporânea. Esposa diligente de um famoso advogado e mãe cuidadosa das pequenas Gabriela e Rafaela, essa jovem senhora de trinta e seis anos dividia-se entre o bom cargo numa repartição pública estadual, resultado de um extenuante concurso, e a administração adequada do lar, para a qual dispunha de fiéis e bem pagos serviçais. Sob o aspecto financeiro, a atividade profissional de Dona Marta era absolutamente desnecessária; fato que motivou certos agastamentos com o marido, contrário à ideia. Aos poucos e pacientemente, com os mais variados argumentos, ela foi conseguindo demovê-lo daquela intransigência, até que o poderoso advogado deu-se por vencido, mais pelo cansaço do que pela persuasão.

Temente a Deus, Dona Marta era uma devota fervorosa da desconhecida Santa Bibiana e coordenava um grupo de senhoras, tão jovens quanto ela, que se encontravam regularmente em sua bela casa nas tardes de sábado. Nessas reuniões, que conduzia com maestria, ela exercitava o virtuoso ato da oração, aliado à prática da partilha, cujos temas abordavam invariavelmente marido, filhos, casa e trabalho. Eterna anfitriã, ela possuía uma espécie de ascendência sobre as demais, posição

adquirida não apenas por ter sido a idealizadora do grupo e por uma invejável sapiência religiosa, mas porque conseguia unir, ao se expressar, assertividade com docilidade, firmeza com mansidão, positividade com temperança. Não seria de todo correto afirmar que fosse compreensiva, mas de sua intolerância a tudo aquilo que ia de encontro às suas convicções não era perceptível um só traço de agressividade, de descortesia ou indelicadeza. Eis uma palavra perfeitamente aplicável a ela: delicadeza. Nos gestos, no olhar, no volume baixo da voz - quase um sussurro - e no trato com o próximo, Dona Marta exalava ternura. De compleição juvenil, sua baixa estatura evidenciava um certo sobrepeso, mas nada que lhe retirasse completamente as curvas peculiares à região da cintura feminina. Observado apenas o seu rosto, dir-se-ia que era muito bonita: os traços finos delineavam uma feição suave, quase angelical; os pequenos olhos castanho-claros cativavam quem neles pusesse os seus e os cabelos longos, bem cuidados, arrematavam harmonicamente o conjunto.

Motivo de uma forte e longa decepção, Dona Marta não conseguira casar virgem devido a um único momento de fraqueza com o antigo namorado, pelo qual se sentia irresistivelmente atraída. Bastante abalada com o término de tão apaixonado relacionamento, ela intensificou ainda mais suas convicções religiosas e, ajoelhada diante da imagem do Senhor, jurou nunca mais ceder a tentações daquele tipo antes do casamento. Conheceu o marido na faculdade e conseguiu frear heroicamente as investidas mais afoitas do pretendente por quase dois anos, quando ele, recém formado e já empregado, ultimou solenemente: “Eu não aguento mais!”. Diante do pe-

rigo de perder o noivo, a quem muito amava e para o qual havia feito promessa a Santo Antônio, tratou de iniciar os preparativos para o casório. Assim, num florido mês de setembro, Marta e Samuel apresentaram para a sociedade pequeno burguesa da qual faziam parte o seu exuberante enlace matrimonial. A primeira filha, Gabriela, deu sinal de vida quatro meses depois, quando os enjoos começaram e, após o seu nascimento, transcorreram três anos até que Rafaela viesse ao mundo. Nesse ínterim, o marido progrediu bastante na carreira advocatícia e os polpudos casos trabalhistas que ganhou elevaram a família a uma condição de vida assaz confortável.

Quando a filha mais nova completou dois anos, estando Dona Marta completamente envolvida no exercício da maternidade, acometeu-lhe uma profunda crise depressiva, período em que passava a maior parte do tempo reclusa em seu quarto, esperando ansiosamente a morte. A parentela ficou bastante assustada com aquele evento desagradável e o marido revoltou-se; não conseguiu entender aquela tristeza incessante, aquele desânimo em meio à fartura e conforto que ele havia proporcionado à família e, em especial, à ela. Na posição de provedor, Seu Samuel julgou o comportamento da mulher uma enorme ingratidão e, durante esse período, evitava encontros sociais, pois eventuais perguntas sobre o caso fatalmente o constrangeriam. Alheia a tudo e a todos, Dona Marta vivia inundada por um mar de melancolia, sufocada por angústias e decepções; sentia-se o mais ordinário e insignificante dos mortais. Quando a mente desejava escapar, o corpo se fazia inerte. Quando o corpo pedia movimento, a mente exigia passividade. Foi mais ou menos assim que Dona Marta descreveu ao reco-

mendado psiquiatra aquela espécie de aprisionamento em que se encontrava. Prescritos os medicamentos devidos, a paciente se recuperou mais rápido que o esperado, quando decidiu, sem consultas prévias, prestar um concurso público a fim de dar sentido ao seu diploma universitário e fundar um grupo feminino de oração para dar sentido à vida. Determinada, ela conseguiu alcançar ambos os objetivos e a prazerosa sensação de sucesso que a invadiu fê-la crer como definitivamente superado o episódio da depressão.

Menos satisfeita do que orgulhosa, Dona Marta trilhava a rotina do seu dia a dia com resignada dedicação. Embora o emprego tivesse sido um ousado ato de emancipação, a jovem senhora não queria se livrar dos afazeres do lar e jamais admitiria alguém no controle de sua casa. Assim, acumulada de obrigações, passava a maior parte do tempo deliberando sobre questões domésticas e profissionais, sem contar a educação das filhas e a assistência ao marido. O único evento da semana que percebia como genuinamente seu era o encontro com as amigas do grupo de oração. Ali, sentia-se liberta dos deveres de mãe, dona de casa e servidora pública, quando podia aliar a prática elevada da religiosidade cristã com o prazer de estar em boa companhia, partilhando a dureza da rotina e também divertidas amenidades. As participantes cultivavam por ela uma terna admiração e um enorme respeito; tinham-na como uma espécie de líder espiritual. Nesse papel, Dona Marta via-se como um ser privilegiado e não seria exagerado ou impróprio afirmar que nossa heroína era acometida, sem perceber, por uma quantidade significativa da perigosa vaidade. Quando os olhos admirados das companheiras se voltavam para ela, algo

frequente durante as reuniões, o exercício daquele poder de condução e de influência a deliciava, prazer que atribuía à ação do Espírito Santo, uma consequência dos desígnios de Deus, que a utilizava como seu instrumento. Diante dessa constatação, ela não se furtava em falar sobre qualquer assunto que fosse: para tudo tinha uma opinião a dar, um exemplo para apresentar, um comentário a fazer, uma atitude a enaltecer, um comportamento a repreender e uma conclusão a chegar.

Certa vez, Dona Edna, uma das assíduas frequentadoras do grupo, chegou atrasada numa das reuniões; algo que incomodou menos as demais do que a inquietude que demonstrava: tinha a respiração ofegante, cruzava e descruzava as pernas a todo momento, ajeitava-se na cadeira, cruzava os braços, tamborilava os dedos, mexia no cabelo, enfim, desejava ardentemente chamar a atenção para si. Não foi necessário muito tempo até que Dona Marta percebesse aquela intenção e então interrompeu sua fala para tentar esclarecer com a amiga o que tanto a incomodava. Aliviada, Dona Edna agradeceu a sensibilidade da anfitriã e também a oportunidade para finalmente expor sua angústia. Antes de iniciar, pediu desculpas a todas pelo conteúdo do que iria contar, mas alegou ser aquele o único ambiente que julgava seguro o bastante para revelar a causa de seu incômodo, de seu imenso desconforto. Começou dizendo que Paulo, seu marido, vinha, já há algum tempo, dando sinais de insatisfação com o casamento: irritadiço e impaciente, não conseguia mais falar com ela sem ser rude; perdia a compostura por qualquer questiúncula, pelos motivos mais banais e insignificantes. Saía de casa com a cara fechada e com esse mesmo humor voltava, não admitindo ser importu-

nado quando se enfurnava no escritório para ler seus livros de autoajuda. Dona Edna contou que na noite de segunda para terça-feira daquela semana, o marido a procurou debaixo dos lençóis, após um longo período de abstinência, e se portou de maneira absolutamente diversa do costumeiro. Obstinado e, até certo ponto, agressivo, ele deu início à cópula fazendo-lhe carícias que nunca antes praticara, algumas delas que ela sequer tinha conhecimento. Disse que se assustou muito no início, mas, por algum motivo, suas resistências internas declinaram e ela resolveu ceder àquela voluptuosa novidade que o marido trouxera. Permaneceu então assim, incontinente, durante todo o processo e, ao final, quando recobrou um pouco seus freios, envergonhou-se do que fizera, daqueles exercícios sexuais nada ortodoxos que tanto o marido quanto ela, por iniciativas próprias, empreenderam. Sentiu-se dominada por um sentimento de culpa, de indisciplina, de desobediência à alguma espécie de norma que não sabia bem a origem, mas que desconfiava ser religiosa. De repente, percebeu-se uma pecadora, infiel à Deus e à Igreja. Disse que mesmo diante dessa clarividência, soltou as rédeas com o marido mais três vezes ao longo da semana. Após um demorado silêncio, Dona Marta, visivelmente consternada e ruborizada, disse mansa e calmamente que a amiga e o marido haviam realmente incorrido em grave pecado por terem desrespeitado seus corpos, moradas de Deus, com práticas sexuais antinaturais. Em tom imperativo, dissimulado pela meiguice de seus trejeitos, ela alertou ser indispensável que ambos se confessassem com um padre e que não repetissem aquela lascívia abjeta. Dona Edna concordou totalmente com a amiga e prometeu seguir à risca suas orien-

tações tão bem colocadas. Diante dessa reação, Dona Marta ficou bastante aliviada e não se tocou mais nesse assunto libidinoso no restante da reunião. A noite daquele sábado foi uma das mais gloriosas para Dona Marta, porque acreditou ter retirado um bom cristão do mau caminho, por ter aniquilado do seu meio aquele assunto sórdido e temerário. Nesse estado aprazível, a semana transcorreu bastante tranquila para ela, sem sobressaltos ou quaisquer novidades na velha rotina: trabalhou, orientou os empregados e as filhas, acompanhou o marido em alguns eventos sociais e aguardou ansiosamente a chegada do sábado. A expectativa pairava sobre o resultado da espécie de penitência que havia ministrado a Dona Edna; não que tivesse alguma dúvida quanto a obediência da amiga, mas estava curiosa com o desfecho da história. Para sua enorme surpresa, ele foi narrado numa carta, cujo conteúdo reproduzo a seguir.

Querida Marta,

Em primeiro lugar, quero te dizer o quanto te prezo e te respeito. Neste ano e meio desde que nos conhecemos, você tem sido uma amiga verdadeira, companheira de todas as horas e de todas as aflições. Seria impossível contar a história da minha vida nesse período sem citar o seu nome, sem dizer da sua influência, da sua proximidade, da sua participação. Então, quero deixar registrado o meu apreço e o enorme carinho que tenho e sempre terei por você. Peço perdão, minha amiga, mas não quero me alongar nessa carta; escrevê-la nesse momento me é bastante difícil, bastante doloroso. Assim, sem rodeios, quero te dizer que procurei seguir suas orientações a respeito do assunto que levei para última

reunião. Conversei com o Paulo para tentar convencê-lo da impropriedade de nossos atos, mas ele ficou bastante indócil: aos gritos, protestou contra os meus argumentos; disse que não iria se confessar de maneira alguma, que não iria mais aceitar intromissões daquele tipo em nossa vida íntima. Desculpe, minha amiga, mas eu tive que contar de onde vinha aquela ideia; ele desconfiou, desde o início da conversa, não ser unicamente minha tal iniciativa. Ele então me ameaçou, me chantageou, tentou me colocar na parede dizendo para que eu escolhesse ou ele ou o grupo. Mesmo assustada com essa violência, não me senti acuada e fui procurar um padre para me confessar e receber o perdão. Qual não foi minha surpresa, Martinha, quando o frei me disse que não há pecado algum, que não compete a ele deliberar sobre o comportamento de um casal dentro de quatro paredes, que se marido e mulher, por vontade própria, concordam com o que vão praticar, não há motivo para repreensão, mas sim para exaltação. Pensei muito sobre essas palavras, as ameaças do meu marido, a sua posição na reunião passada e devo confessar que nenhuma delas foi tão decisiva quanto a minha percepção particular. Por um momento, esqueci do mundo e olhei só para mim, só para o que eu quero e o que eu não quero. Descobri, cara amiga, que quero continuar vivendo essas novidades com o meu marido, novidades que me afetaram de tal maneira que se tornaram necessárias, indispensáveis. Descobri também que não quero mais partilhar essas intimidades com ninguém, exceto meu marido. Diante disso tudo, vejo-me obrigada a desistir das reuniões; se eu continuasse, não estaria sendo justa comigo mesmo, com restante das meninas e principalmente com você. Sei que não concordará com essa

minha decisão, mas espero conservar sua amizade, porque você sempre será um exemplo para mim. Peço que envie meus abraços sinceros para as meninas. Desejo tudo de bom para você e sua família.

Beijos, Edna.

A carta provocou uma fúria quase incontrolável em Dona Marta. O estado grandioso em que se encontrava foi irremediavelmente maculado pelo curso dos eventos relatados no texto da amiga. Indignada, não conseguia acreditar naquela argumentação simples e direta, naquela decisão tão radical tomada em menos de uma semana. Além do marido e do estranho padre, acreditava piamente em outras influências não reveladas na carta. Toda aquela manifestação de autenticidade e de autoanálise soava-lhe forçada, artificial. Apesar de ter pensado em telefonar, resolveu não tomar atitude alguma, pois qualquer tipo de insistência ou tentativa de convencimento significaria uma fraqueza e fraca naquele momento crucial ela definitivamente não podia ser. Decidiu que aguardaria o retorno de Dona Edna ao grupo porque era justamente este o fim que toda aquela história ignóbil teria: o arrependimento da pecadora. Assim, imbuída dessa certeza que manteve só para si, Dona Marta, simulando um intenso pesar, informou às demais frequentadoras sobre a desistência de Dona Edna.

Foram necessários dois meses de ausência da amiga desistente para que Dona Marta percebesse a inutilidade de sua expectativa: ela não iria se concretizar. Ao perceber tal evidência, entrou imediatamente em contato com Dona Edna, quando a amiga contou que estava feliz, em paz com o marido e principalmente consigo mesma. Acanhada, Dona Marta enal-

teceu as conquistas da antiga companheira de grupo e desejou muitas outras para ela, além de felicidade e sucesso. Após essa breve conversa, Dona Marta sentiu-se humilhada, derrotada pelo destino. De repente, suas convicções pareceram-lhe inúteis e suas verdades, desnecessárias. Tomada por um enorme vazio interior e sufocada por uma angústia interminável, ela se viu completamente perdida, sem saída. Assim, desprovida de um trilho para seguir adiante, Dona Marta entrou, pela segunda e última vez em sua vida, numa profunda crise emocional. Desta vez, ao invés de desejar a morte, como na primeira, repudiou-a, demonstrando um medo excessivo e incontrolável de tudo o que lhe parecesse uma ameaça. Porque era parte integrante desse rol de perigos, ela suprimiu o sono por quase um mês até que um forte desmaio obrigou a família a procurar auxílio médico. Dessa vez, Seu Samuel foi um pouco mais compreensivo com a situação e cogitou que talvez a mulher pudesse realmente ter problemas. Os fortes medicamentos novamente auxiliaram Dona Marta a se recuperar, retomando paulatinamente seus afazeres habituais em casa, no trabalho e no grupo.

Como aconteceu ao término da primeira crise, Dona Marta resolveu tomar uma decisão de vida cujo objetivo era dar-lhe um sentido. Alguns meses após sua pronta recuperação orgânica, encontramos nossa heroína numa conversa reservada ao telefone, acreditando ter descoberto sua completa e definitiva recuperação psíquica:

- Vou sempre querer igual da última vez.— ela sussurrou.
- Por trás? — perguntou uma marota voz masculina.
- Isso! Por trás! Bem forte!

— Hoje à noite quero ouvir seus gritos.

— Vou gritar muito! Juro que vou!

Após tal conversa, a vida de Dona Marta nunca mais foi a mesma. As pessoas comentavam que ela estava mais empolgada, mais serelepe e também mais segura diante dos desafios do mundo. Orgulhosa e satisfeita com tal percepção, essa nova mulher passou a apoiar sua autoestima, com invejável habilidade, sobre três sólidos pilares: o serviço público, o grupo de oração e a posição “cachorrinho”.